

A roupa interior do mágico foi há pouco encontrada numa mala de cartão a boiar num charco estagnado, nos arrabaldes de Miami. Por mais significativa que esta descoberta possa ser — e é bem possível que possa vir a alterar o destino de todos nós, do primeiro ao último —, não se trata do incidente mais apropriado para iniciar este relatório.

Dentro da mala, juntamente com as ceroulas místicas, havia páginas e fragmentos arrancados a um diário que John Paul Ziller escreveu numa das suas viagens através de África. Ou terá sido através da Índia? O diário começava assim: «À meia-noite, o rapazito árabe traz-me uma taça de figos brancos. Tem a pele muito dourada, e eu experimento-a para ver se me serve. Não repele os mosquitos. Nem as estrelas. O roedor do êxtase canta à minha cabeceira.» E prosseguia: «Ao amanhecer, há vestígios de magia por toda a parte. Um grupo de arqueólogos do Museu Britânico descobre uma maldição. Os nativos mostram-se agitados. Numa aldeia próxima, uma virgem desapareceu, arrastada por um rinoceronte. Pigmeus impopulares mordiscam a base do enigma.» Eis o começo do diário. Mas não o começo deste relatório.

Nem o FBI nem a CIA apontam inequivocamente John Paul Ziller como proprietário do conteúdo da mala. Esta relutância em mostrarem-se rigorosos, porém, não passa de uma formalidade burocrática ou de um estratagema tático. Quem senão Ziller, por amor de Deus, usava cuecas feitas da pele de rãs arborícolas?

Seja como for, não nos demorem na arena dos acontecimentos ainda frescos. Não obstante as forças da crise que ditam a composição deste relatório, não obstante o *Zeitgeist* estonteante que lhe sublinha a premência, não obstante o quadro moral planetário que talvez vacile, periclitante, não obstante tudo isto, o autor deste documento não é um jornalista, nem sequer um erudito e, embora bem ciente da potencial importância histórica das suas palavras, não vai certamente permitir

que a objectividade o desaloje do alto da coluna da sua perspectiva individual. E a sua perspectiva tem como ponto fulcral, apesar da magnitude das peripécias públicas, a rapariga: Amanda, a rapariga.

— São três as coisas de que gosto — exclamou Amanda ao despertar do seu primeiro longo transe. — Ei-las: a borboleta, o cacto e a Infinita Pedrada.

Mais tarde, emendou a lista para incluir os cogumelos e as motos.

Certa manhã tépida de Junho, enquanto deambulava pelo seu jardim de cactos, Amanda deparou com um velho navajo a pintar quadros na areia.

— Qual é a função do artista? — perguntou ela ao talentoso invasor da propriedade alheia.

— A função do artista — respondeu o navajo — é proporcionar o que a vida não nos dá.

Amanda engravidou durante uma violenta tempestade. — Terá sido o relâmpago ou o amante? — ouviam-na interrogar-se às vezes.

Quando o filho nasceu com olhos eléctricos, as pessoas deixaram de a achar tresloucada.

Vestida com uma toga amarela de veludo apanhada na cintura com broches verdes em forma de escaravelhos sagrados, uma grinalda de lírios-japoneses azuis em volta do pescoço, o bebé suspenso atrás das costas com a barriga a borbulhar, Amanda arremetia com a sua moto pelos prados fora, em busca de borboletas raras. Numa tarde pachorrenta de Primavera, encontrou por acaso um pequeno grupo de ciganos acampado debaixo da copa de um salgueiro.

Desconfiando de que eles seriam versados em tais artes, Amanda lançou-lhes o desafio: — Não querem revelar-me uma qualquer faceta da minha natureza genuína?

— E o que é que tu nos dás em troca? — perguntaram os ciganos.

Amanda baixou as longas pestanas e sorriu docemente. — Chupovos a todos — disse.

E assim ficou acordado. Depois de ela ter satisfeito plenamente os quatro homens e as duas raparigas, os ciganos disseram-lhe: — És por natureza uma mulher muito curiosa — e mandaram-na à sua vida.

Para o aniversário de Amanda, o pai dela (que era imensamente gordo) ofereceu-lhe um urso amestrado. O urso só compreendia russo, ao passo que Amanda falava somente inglês e romani (embora dominasse os dialectos de várias tribos índias norte-americanas, nunca os falava em público). O urso não podia exhibir os seus dotes. O que fazer?

Amanda travou amizade com o urso. Cozinhava-lhe deliciosos rolos de carne. Coçava-lhe as orelhas e dava-lhe laranjas, bolachas de creme *Oreo* e garrafas de gasosa. Aos poucos, o urso começou a exhibir-se por sua própria iniciativa. Dançava quando Amanda tocava a sua concertina, saltava para o selim da bicicleta prateada dela e punha-se a pedalar, equilibrava três bolas de cróquete na ponta do focinho e fumava charutos esguios.

Certo dia, um homem do Circo de Moscovo visitou a cidade próxima da povoação onde Amanda vivia. A pedido do pai dela, veio ver o urso. Vociferou-lhe ordens em russo, mas o urso não lhe prestou atenção e acabou por se enroscar sobre o seu tapete felpudo e adormeceu.

— Este maldito urso nunca obedeceu a ninguém — queixou-se o empresário circense. — Para ser franco, foi por isso que o vendemos.

Nesse Verão, o grande projecto de Amanda foi criar uma estufa de criação de borboletas. Já que muitas borboletas têm uma longevidade muitíssimo reduzida, o contingente de habitantes da instituição renovava-se constantemente.

No valezito junto à queda-d'água, Amanda montou a sua tenda — era feita de varas de salgueiro e de peles de cabras pretas. Tendo enchido a tenda com as maiores e mais macias almofadas de lã estampada da sua colecção, despiu-se até ter a cobri-la somente os colares de contas e as cuecas e mergulhou num transe. — Vou determinar como prolongar a vida das borboletas — anunciara previamente.

— Ainda, uma hora mais tarde, ao despertar, sorriu com ar misterioso. — A longevidade da borboleta tem precisamente a duração certa — declarou.

Era um daqueles dias suaves de Outubro que parecem o produto de uma mescla de salva-das-boticas, latão polido e aguardente de pêssego. O pai de Amanda caminhou (ofegante) sobre um manto de folhas mortas, ouriços de castanheiros e rastos de esquilos até alcançar, lá longe, a montanha Béu-Béu. Aí chegado, foi encontrar a filha junto à entrada de uma caverna repleta de morcegos, a conversar em voz baixa com o Idiota.

O pai ficou a um tempo aliviado e perplexo. — Tu estás com uma tremenda constipação, Amanda — ralhou. — Pensei que tinhas ido até à cidade para consultar o Dr. Champion, mas disseram-me que te tinham visto montada na moto, a zarpar floresta adentro.

— Vim visitar o Ba Ba — respondeu Amanda. — Ele revelou-me os significados ocultos da minha febre e a relevância profunda dos meus espirros.

— Quando uma pessoa está doente, é muito mais lógico ir ao médico — insistiu o pai.

Amanda lançou ao pai sorrisos carinhosos e, sem uma palavra, continuou a bordar a sua capa com um dragão.

Corando, o Idiota pôs-se de pé. Tirou respeitosamente da cabeça o barrete escocês cinzento, já muito coçado, e baixou os olhos para as próprias botas. — A lógica só dá ao homem aquilo de que ele precisa — tartamudeou. — A magia dá-lhe aquilo que ele deseja.

Certa manhã, depois de uma violenta trovoada, Amanda, ao acordar, deparou com uma série de estranhos caracteres inscritos na palma da mão: uma única «palavra» escrita num qualquer alfabeto obscuro.

A partir daí, quer enquanto fazia os seus exercícios de ioga, quer enquanto tomava, no pavilhão em forma de pagode, em pleno jardim, o seu pequeno-almoço de morangos, natas e salmão escalfado, quer enquanto se entregava aos seus cálculos astrológicos junto à margem do regato, nem por um momento deixou de se interrogar acerca do significado daquela inscrição. Reflectiu no assunto enquanto se rebojava a soltar risadinhas, juntamente com o bebé, sobre a erva do jardim, meditou no tema durante o almoço de patas de rã e leite de coco — mesmo naquela tarde, enquanto dava a volta ao lago no seu veleiro cor-de-laranja e púrpura, com um coro de oito rebentos de peiote a cantar-lhe na cabeça, não deixou de explorar o enigma — , embora, na verdade, a inscrição lhe parecesse então menos misteriosa do que divertida.

No dia seguinte — a inscrição resistia a todas as lavagens —, en-
cetou uma pesquisa na Biblioteca de Anseios Antropológicos. Em
vão. Enviou fotogramas da palavra a jovens eruditos judeus que a ti-
nham amado. Por doze vezes, tentou decifrá-la em estado de transe.
Escreveu cartas suplicantes ao Ministério do Conhecimento Esotérico,
Divisão das Titilações Arcaicas.

Nunca chegou a perceber o que a inscrição significava, embora uma
noite, alguns anos depois, num restaurante arménio, um músico muito
velho, depois de lhe lançar um olhar fugaz à palma da mão, lhe tenha
estendido uma pesada chave de ferro antes de se lançar em fuga pela
saída de emergência.

— E em que crês tu? — perguntou o pároco a Amanda em tom
ríspido.

Amanda ergueu os olhos da carapaça de escaravelho em cuja super-
fície estava a pintar uma cena miniatural com aguarelas. — Creio no
nascimento, na cópula e na morte — respondeu. — Embora a cópula
incorpore os outros dois, e a morte seja apenas uma forma de nasci-
mento. Seja como for, nasci há dezanove anos. Um dia morrerei. Hoje,
parece-me que vou copular.

E assim fez, com efeito.

Nascimento, cópula e morte. Ótimo. Na verdade, porém, havia pe-
lo menos duas outras coisas em que Amanda acreditava convictamen-
te. Eram elas: a magia e a liberdade.

Só a crença na magia poderia explicar a natureza das tatuagens que
lhe adornavam o corpo. E caso ela não fosse uma mulher de espírito
muito livre, nunca teria permitido, logo para começar, que a tatuassem
daquela forma e naquela região anatómica.

— Embora haja mais de cento e cinquenta mil espécies de borbo-
letas e traças em todo o mundo, nos Estados Unidos existem somente
cerca de doze mil. É pouco, muito pouco.

Junto ao regato, Amanda estava a falar em tom solene a uma au-
diência composta por Madame Lincoln Rose Goody, bibliotecária e
naturalista; Relâmpago Chaminé, um vetusto curandeiro apache; Ba